

# Cruzando a linha da vergonha

Ricardo A. Setti \*

A eleição de 15 de novembro fica cada vez algo mais palpável, apontando no horizonte. É de pouco mais de um mês a distância que nos separa do cruzamento da linha da vergonha da abstinência eleitoral. Este período que temos à frente ainda poderá trazer grandes mudanças, como constata o diretor do Instituto Gallup, Carlos Eduardo Matheus, depois de debruçar-se sobre os surpreendentes números que sua organização produziu no último domingo. De todo modo, o que ficou para trás já permite que cheguemos a algumas conclusões sobre alguns dos fatores que influem no processo eleitoral, a saber:



**O horário eleitoral gratuito:** a grande piada do ano é chamá-lo de "gratuito", já que os candidatos investem fortunas na produção dos programas pela televisão e, conforme a lei manda, as emissoras vão ser ressarcidas pelo Tesouro — ou seja, pelos eleitores. À parte a impropriedade semântica, os críticos, observadores e palpiteiros que decretavam a inutilidade da propaganda foram atropelados pela jamaica dos fatos: o candidato Guilherme Afif Domingos, do PL, por exemplo, cresceu 131% nas preferências de voto depois que começou a aparecer na televisão. Os que prognosticavam um grande bocejo nacional diante das telinhas também quebraram a cara. Diferentes pesquisas indicam que dois terços do eleitorado têm visto os programas, e pretendem continuar vendo.

**O Congresso Nacional:** no balanço final, salvou-se à beira do precipício. A Câmara dos Deputados pariu um monstro, tentando mexer na legislação eleitoral a menos de dois meses do dia 15 de novembro. Mas o Senado, engavetando o vergonhoso e esperto casuismo, conseguiu equilibrar a reputação do Legislativo sobre as próprias pernas.

**A Justiça Eleitoral:** o país fica lhe devendo um papel democratizante, ampliando direitos onde a lei restringia. Só falta o Tribunal Superior Eleitoral liberar expressamente as emissoras de televisão para fazer debates com os candidatos mais bem situados, livrando-as da camisa-de-força absurda da convo-

cação obrigatória dos 22 candidatos, que misturaria no mesmo saco eletrônico um Ulysses e um Marronzinho, um Collor e um Zamir.

**Os políticos:** em sua maioria, têm feito o possível para justificar o péssimo juízo que o povo faz a seu respeito. A adesão maciça e atabalhoada ao candidato Fernando Collor de Mello, até antes do início de sua queda nas pesquisas, há um mês, não vinha sendo sequer disfarçada com o pretexto de que seu programa era o melhor, ou algo do gênero. Não só se aderiu a Collor única e exclusivamente porque ele era o favorito, como ainda se dizia isso com todas as palavras. Com o mesmo despudor, começa o processo de *desbotamento*. A essa falta de princípios, porém, muitos políticos contrapõem lições de tolerância e civismo, como os deputados conservadores que ajudam materialmente a campanha de um arqui-rival ideológico, o comunista Roberto Freire.

---

*“As pesquisas indicam que dois terços do eleitorado têm visto os programas do horário eleitoral gratuito, e pretendem continuar vendo.”*

**Os partidos:** pelos efeitos que sofreram até agora na campanha, parece que sobre eles foi baixado um novo pacote de abril. A disputa presidencial de 1989 marca a falência quase total do sistema partidário fundado na última década do regime militar. Os dois maiores, o PMDB e o PFL, significativamente vêem seus candidatos acotovelar-se na lanterninha da disputa. Os políticos lançam-se sobre as legendas com fúria assassina: tem gente do PMDB apoiando Fernando Collor de Mello, do PRN, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, Guilherme Afif Domingos, do PL, Mário Covas, do PSDB, e Leonel Brizola, do PDT; o PFL que não *colloriu* está *afifando*; o PTB cristianiza sem a menor cerimônia seu candidato, Affonso Camargo, e se pulveriza, guloso em todas as direções; o PL, legenda nanica cuja cúpula morre de inveja de Afif, atrapalhou o candidato o quanto pôde, e agora começa a se descaracterizar com um

inchaço oportunista: talvez sobrem da eleição, por ter mais consistência, só o PT, o PSDB e o PCB.

**Os governadores de estado:** depois de fazerem uma enorme sucessão de marolas e regatearem seu apoio aos candidatos como vestais cortejadas, começa-se a verificar que sua importância é extremamente duvidosa nessa campanha. Em alguns casos, pesam contra. Ninguém quer o apoio público do governador de Minas, Newton Cardoso, por exemplo. Chegaremos ao dia 15 constatando que a “política de governadores” era uma falsa questão.

**Os empresários:** todos os candidatos reclamam que eles criticam demais e abrem o bolso de menos. Só que alguns reclamam com razão, e outros estão só escondendo o jogo.

**Os partidecos:** não foi preciso nem uma semana de campanha para ficar provado que são a grande questão moral a ser resolvida já para a próxima eleição, em 1990. Que existam à vontade, mas o Congresso precisa deixar de demagogia e estabelecer regras duras para seu acesso à televisão no horário eleitoral. Lula tem boas idéias a respeito: o acesso, propõe ele, levaria em conta não apenas o número de congressistas eleitos por cada legenda na eleição anterior, mas a seu tamanho real, incluindo número de filiados em todo o país, número de estados e municípios em que foi organizada corretamente etc. Submeter milhões de brasileiros diariamente a grotescos proprietários de legendecas como Armando Corrêa ou esse inacreditável Pedreira é, realmente, o fim da picada.

**As ideologias:** talvez até por influência dos eflúvios internacionais, dançaram nesta campanha. As pesquisas eleitorais provam que boa parte do eleitorado inicial de Collor vinha do PT. Da mesma forma, o crescimento de Afif roubou votos de Covas. Sociólogos e politicólogos que se preparem, porque terão muito o que explicar depois da eleição.

**Os indecisos:** segundo diferentes institutos de pesquisa, estão começando a aumentar de número, o que é prenúncio de virada. Como sempre ocorre, serão eles que decidirão tudo, no final.

**O povo:** depois das colossais passeatas em favor das diretas, em 1984, as diretas aí estão. E aquele povo todo, onde estará?